

GASPAR NETO, Francisco. **Relação e Produção de Imagens no Modo Operativo AND.**

Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná; Professor Substituto, Classe B. Universidade do Estado de Santa Catarina, Doutorado, Sandra Meyer Nunes (Orientadora).

O Modo Operativo AND<sup>1</sup>, desenvolvido pelo Coreógrafo João Fiadeiro e a Etnógrafa Fernanda Eugênio investe na performatividade dos corpos no encontro com coisas e pessoas. Ambas as ideias, performatividade e encontro, definidas como formas de comunidade, servirão para pensar um modo de experiência coletiva dentro de um *ambiente de individuação*, pensado a partir da noção de relação de Gilbert Simondon.

Palavras-Chave: MO AND, Relação, Individuação, *A praesenti*.

The Operative Mode AND, developed by the choreographer João Fiadeiro and the ethnographer Fernanda Eugenio, invests in the performativity of bodies in meeting with people and things. Both ideas, performativity and meeting, defined as forms of community, serve as a way to think the collective experience within an *environment of individuation*. This environment is thought from the notion of relation of Gilbert Simondon.

Key Words: MO AND, Relation, Individuation, *A praesenti*.

O enquadre preferencial para a análise do MODO OPERATIVO AND coloca em um mesmo plano de observação a desmobilização da ideia tradicional de relação, as noções de individuo e coletividade e o caráter *a praesenti* do seu modo de operação. O MO AND baseia-se em dois princípios fundamentais regidos pela modificação da noção de relação: como viver juntos e como não ter uma ideia (EUGÊNIO, F.; FIADEIRO, J., 2013). O primeiro trata do estabelecimento de uma comunidade que se esquivava daquela de um grupo de indivíduos atuando conjuntamente em um espaço-tempo de atividades pré-determinadas. A comunidade proposta no MO AND tem um caráter radical já que reverte as noções estabelecidas de sujeitos como agentes orientadores da experiência e os coloca em pé de

---

1 O MO AND é um método de composição criado por João Fiadeiro, bailarino, coreógrafo e pesquisador em dança e a antropóloga Fernanda Eugênio. Seus trabalhos são desenvolvidos dentro do AND Lab no Atelier Real, em Lisboa. Informações sobre o MO AND podem ser acessadas no site: <[www.re-al.org](http://www.re-al.org)> e no blog: <<http://andlabpt.blogspot.com.br/>>.

igualdade com objetos e acontecimentos. A noção de jogo é central nesta articulação porque ele é pensado como nascido de um acidente inicial que aos poucos vai fazendo consistir suas regras, seus meios e seus agentes (EUGÊNIO, F.; FIADEIRO, J., 2013/2012). Pensado como plano de consistência, o jogo põe em crise tanto a concepção bíblica da criação ex-nihilo quanto a concepção romântica da criação como resultado do arrebatamento de um sujeito criador (EUGÊNIO, F.; FIADEIRO, J., 2013). A essência de tal jogo instala-se, desde o início, no meio, assim como a meio caminho andando ou em meio às coisas. Abdica-se, deste modo, à consecução lógica dos fatos que se dão entre um fundamento já determinado e um fim esperado. E meio ambiente que não observa as fronteiras entre sujeitos e objetos, os caminhos e os descaminhos, as figuras e os fundos, mas que emerge como relevo (EUGÊNIO E FIADEIRO, 2013).

Segundo Simondon (2007a), assim como não há indivíduo pronto também não há meio à priori. O que há são duas séries em devir constante, sempre em vias de individuação. Os pólos não são fundamentais, o fundamento é o devir, aquilo que se passa entre, processo temporal de uma individuação que está sempre em vias de se individuar. Indivíduo e meio se engendram dentro de um processo contínuo de invenção. O que está na base é um novo modo de se pensar a relação. Como diz Didier Debaise (2004), Simondon reverte o primado aristotélico pelo qual a relação é a categoria que guarda realidade menos específica. Para Aristóteles a relação carece de realidade superior e, ao mesmo tempo, não passa de elemento constitutivo da substância. Por essa definição a relação é resultado do encontro de termos que a ela preexistem. Toda essa armação teórica faz dos indivíduos prontos os precursores da relação e esse modo de pensar se estabeleceu como regra quase inviolável para o pensamento ocidental. Simondon reverte este primado da individuação sobre a relação ao estabelecer um vínculo entre ambas e que faz da relação o centro da individuação afirmando assim a relação como ser.

No encontro entre o pensamento de Simondon e o MO AND ganha relevância a ideia de embodiment (VARELA, THOMPSON E ROSCH, 1991), tipo de reflexão em que o corpo e mente emergem juntos, a partir de um exercício de esvaziamento da mente comum em práticas de meditação e que constitui a base do MO AND, na medida em que o

compositor recusa a avaliação objetiva do olhar garantida por uma interpretação subjetiva, ao mesmo tempo em que incorpora os afetos circundantes (EUGÊNIO; FIADEIRO, 2012). A reflexão não se dá sobre a experiência, mas ela mesma é um tipo de experiência, que é a de reconhecer os próprios padrões de pensamento, tentando manter a mente aberta e fechada ao mesmo tempo (Mindfful), cortando a cadeia de padrões de pensamento habituais e preconceitos e abrindo possibilidades para além daquelas contidas nas representações habituais do vivido, num tipo de relação que escapa dos polos objetivos e subjetivos que João Fiadeiro e Fernanda Eugênio chama de *partycipação* (EUGÊNIO; FIADEIRO, 2012).

Segundo Depraz, Varela e Vermesch (2002) a atenção é direcionada ao mundo como uma ação direta e inquisitória. Acessar a experiência por debaixo dessa camada depende de outro tipo de ação, mas sem esforço. O sujeito ainda quer algo muito específico, mas ao invés de agir, ele espera e mantém a mente vazia. Um gesto de conversão da atenção da procura para a espera e mais, um esforço para deixar passar ao invés de cumprir uma determinada tarefa. Esse esforço também diz respeito a um “deixar-*vir*” aquilo que antes era somente intuito. E não se trata de um gesto puramente mental, mas de uma ação imanente ao corpo e à mente. A tarefa, é ficar antenado na experiência, antes de cumprir uma ação. Esse *effortless effort* (VARELA, THOMPSON E ROSCH, 1991) pode levar anos de aprendizado e dedicação. Ele está longe da passividade, ao contrário, é uma proposição ativa de não responder à captura do mundo. É ativo também na medida em que se está antenado com o presente e com o que se passa. A atenção tem de estar sintonizada naquilo que acontece, e com uma justa medida, igual às cordas de um instrumento, nem muito frouxas nem muito apertadas.

A respeito da imanência entre corpo e pensamento, Simondon (2007b) fala da ilusão de termos a priori e a posteriori como condições de uma realidade pré-individual. Para ele, o *apriori* é uma ilusão ocasionada pela existência prévia de condições de totalidade no sistema que excedem em dimensão o indivíduo em processo de individuação. E o *a posteriori* o seu oposto, condições cuja ordem de grandeza é inferior ao mesmo indivíduo no que diz respeito às mudanças espaço-temporais. Ele fala então de um *a praesenti* que

caracteriza o processo que faz a passagem entre o que é maior e o que é menor do que o indivíduo em vias de se individualizar. *A priori* e *a posteriori* não são, então, dois pólos do indivíduo, mas momentos díspares, e disparadores, do processo de individuação, duas grandezas heterogêneas anteriores à compreensão.

O MODO OPERATIVO AND oferece uma imagem particular para um estado *a praesenti*. É essencial que o Compositor esteja antenado nas duas dimensões díspares do acontecimento, e que ao mesmo tempo constituem a ligação entre o dentro e o fora da experiência sem que, entretanto, caia na armadilha de uma conjugação unitária, um diálogo entre iguais, mas que se mantenha a relação entre grandezas diferentes originadora do processo de individuação. Nem antes nem depois, mas o agora do acontecimento como condição de *partycipação*. Ou seja, o compositor se permite manter antenado na diferença entre os acontecimentos exteriores e os interiores, assim como os anteriores e posteriores, alargando o tempo de resposta àquilo que se apresenta. Assim, ele se instala sobre uma tensão que permite uma abertura para o mundo a partir de uma lógica da diferença. Essa abertura *a praesenti* é como a intuição pré-reflexiva e opaca de algo que ainda está por vir. Neste caso, o que está por vir são o indivíduo e o mundo ao mesmo tempo.

#### BIBLIOGRAFIA:

- CHABOT, P. **La Philosophie de Simondon**. Paris: Librairie Philosophique J. VRJN, 2003.
- COMBES, Muriel. **Simondon. Individu et collectivité**. Paris: PUF, 1999.
- DEBAISE, Didier. **Les conditions d'une pensée de la relation** in: P. Chabot (ed.), *Simondon*, Paris, Vrin, 2004.
- DEPRAZ, N., FRANCISCO J. VARELA & VERMERSCH, P. **On Becoming Aware: A Pragmatics of Experiencing**. Philadelphia, John Benjamins North America, 2002.
- VARELA, FRANCISCO J.; THOMPSON, E. & ROSCH, E. **The embodied mind. Cognitive science and human experience**. Boston, MIT Press, 1991.
- EUGÊNIO, Fernanda; FIADDEIRO, João. Secalharidade como ética e como modo de vida: o projeto AND\_Lab e a investigação das práticas de encontro e de manuseamento coletivo do viver juntos. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas / Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, Vol. 1, nº 19, p. 61-69, nov 2012.**
- 
- . *O Jogo das Perguntas. Lisboa, GHOST, 2013.*

**ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O M U N D O**

**VII Reunião Científica  
da ABRACE**  
27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



**SIMONDON, G. El individuo y su génesis físico-biológica (La individuación a la luz de las nociones de forma y de información). Cali, disuelta, 2007.**

\_\_\_\_\_. **L'individuation Psychique et Collective.** Paris: Aubier Philosophie, 2007b.